

Invicta *Cine*

ANO X

N.º 164

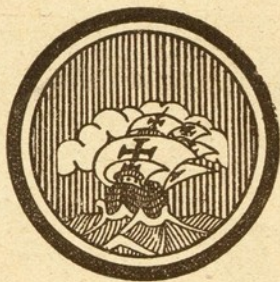


BUSTER KEATON (Pamplinas)

SEMÁNARIO ILUSTRADO
DE CINEMATOGRAFIA

PREÇO

50
c^{os}



Invicta Cine

SEMANÁRIO ILUSTRADO DE CINEMATOGRAFIA

-SINGRANDO CONTRA TODAS AS PROCELAS-

DIRECCÃO E EDIÇÃO DE:
ROBERTO LINO
E
SOUTINHO D'OLIVEIRA

REDACTOR PRINCIPAL:
ALVES COSTA

ADMINISTRADOR:
JOAQUIM TEIXEIRA

PROPRIEDADE DA
EMPRESA INVICTA-CINE

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO PROVISÓRIA:
RUA DAS MUSAS, 45-PORTO (PORTUGAL)

ANO X
Número 164
PORTO
9 DE ABRIL
1932

REDACTORES:
LISBOA: FERNANDO BARROS
E AGUINALDO MACHADO

PARIS: DANIEL MAYBON, ROBERT
GAILLARD, GEO POIRIER E MAURICE
HILÉRO

NOVA-YORK: ARTUR COELHO

BERLIM: SIMON HAIMOVICI

VIENA (AUSTRIA): FRITZ MIKO

ROMENIA: SAMUEL STEINBERG

COLABORADOR ARTÍSTICO:
FERNANDO LACERDA

COMPOSTO E IMPRESSO NA TIPO-LITO
GONÇALVES & NOGUEIRA, LIMIT.-PORTO

VISADO PELA COMISSÃO DE CENSURA

VISITE

A NOVA SECÇÃO DE
PORCELANAS

DA CHINA E DO JAPÃO

RADIO-PORTO

156 -- AVENIDA DOS ALIADOS -- 162



Nós queremos uma madrinha

Quando nasceu a «Invicta», o Papá Lino não se contentou em ser progenitor; fez vezes de padrinho e de ama de leite. Criou a menina recém-nascida, baptizou-a, tratou-a com disvêlo e carinhos, ensinou-lhe a dar os primeiros passos, amparou-a com ternura única durante nove anos e fez dela esta garota espevitada e reponenta que já corre sósinha, tôda lampeira, pela longa estrada do cinema, quer muito ajuizadamente, como umã senhora, quer pegando às bulhas com as suas camaradas, como uma traquina. § Até hoje a «Invicta» viveu feliz, sem outros carinhos, além dos que lhe prodigava o seu progenitor. Porém, há dias, reparamos que uma coisa lhe faltava, lhe faltou sempre: a protecção duma madrinha. § Reunimo-nos logo em concílio e resolvemos escolher imediatamente, no céu estrelado do cinema, a nossa madrinha. Procuramos, pensamos, discutimos... mas não chegamos a um acôrdo. As opiniões divergiam e hesitamos. Lembramo-nos de recorrer ao acaso da Sorte para decidir a escolha... mas a Sorte, por partida ou por maldade, apontava-nos sempre a artista que nós menos queríamos escolher. Resolvemos então recorrer a Vocês, pedir a vossa ajuda, solicitar o vosso

sufrágio. § Que «estrêla» escolhem para nossa madrinha? § Bem entendido, nós não iremos buscar a nossa madrinha à primeira fila das artistas do écran. Não é o génio duma Vero Veronowskaja ou o talento excepcional duma Falconetti ou duma Asta Nielsen, o que nós procuramos. § Nós queremos uma madrinha bonita, cheia de juventude e de vida, graciosa, insinuante, encantadora. Queremos uma rapariga que nos olhe com meiguice do alto dum caixilho prêso numa parede da nossa redacção. § Queremos uma rapariga que dê um bocadinho da sua trasbordante mocidade às páginas da «Invicta», uma rapariga que se sorria para nós com ternura, uma boneca que nos encha de alegria e de optimismo. § Vá, ajudem-nos na escolha. § Percorram o firmamento cinematográfico e apontem uma «estrêla». Juntem os vossos aos nossos votos, porque a nossa madrinha, vossa madrinha será. Façam a vossa escolha e escrevam-nos sem perda de tempo. Dar-vos-emos todo o nosso reconhecimento. E desde já prometemos dedicar um número à nossa futura madrinha, que cremos bem, será bastante encantadora e digna de tôda a vossa admiração e amor.

O MOMENTO CINEMATOGRAFICO

Avisinha-se preste o momento decisivo, a hora suprema do cinema nacional.

Foi considerado indispensável, como ponto-base de qualquer empreendimento a construção duma oficina de filmes sonoros.

Para que esta oficina seja um facto, estão reunidas muitas vontades, à frente das quais, no lugar do comando, está a figura prestigiosa de Leitão de Barros.

A construção dum estúdio — nunca é demais dizê-lo — é absolutamente indispensável.

Só depois de êle existir é que pode pensar-se em produzir continuamente, em trabalhar sem interrupções, em organizar a indústria cinematográfica, em criar, enfim, o decantado cinema nacional.

E agora, que êste problema se agita mais violentamente do que nunca, é interessante vermos o que se passa na República vizinha.

Em Espanha, exactamente como em Portugal, não há ainda uma indústria cinematográfica.

Vejamos o que, muito acertadamente diz Mateo Santos no último número da *Popular Film*, de que é director :

España, hasta ahora, carece de cinema próprio. El hecho de que se hayan cineografiado aquí más de un centenar de películas no nos autoriza a decir que exista un cinema nacional.

Y no existe porque esa producción no está organizada industrialmente y, además, porque esas películas carecen de auténtica vibración hispana, de estilo racialmente español.

Consecuencia de ese resultado es la creencia, muy generalizada entre nosotros, de que el cinema es improvisación, cuando el cinema es fruto del trabajo y del estudio.

Como vocês vêm os espanhóis estavam até agora exactamente como nós.

Pois muita bem. Em Espanha, presentemente, trabalha-se com afan na construção duma oficina de filmes sonoros, e dentro em breve *nuestros hermanos* poderão dizer ao mundo, orgulhosamente, que existe já o cinema espanhol.

E' necessário que Portugal siga a mesma esteira; é necessário que nós possuamos uma oficina em que possamos trabalhar.

¿Sonorizar os filmes lá fóra?

Está provado à evidência que é absolutamente impossível.

O custo dessa sonorização é mais do que eloquente.

Portanto, mãos à obra.

Nada de desânimos.

Ou agora, ou nunca.

*

* *

Eu sei muito bem que todos vocês, raparigas e rapazes que se dizem cinéfilos, que devoram as revistas da especialidade e que se interessam pelo cinema

nacional têm um único sonho, uma única aspiração — virem a ser artistas cinematográficos.

Deslumbra-vos a celebridade das estrélas; seduz-vos uma carreira que vocês julgam um mar de rosas, uma ascensão contínua para a felicidade, de braço dado com a riqueza e com a glória

As fotos enviadas de Hollywood; os vestidos caros e lindos das vedetas; os *roadsters* luxuosos e velosos dos astros; aquele *bengalow* acolhedor e atraente do artista Z; todo êsse mundo utópico de fantasia que apenas existe no celuloide, nas páginas das revistas cinematográficas e nos vossos cérebros encandescidos de fumadores dêsse ópio delicioso que é o cinema, é para vocês o paraíso, a terra de promissão a que gostariam de chegar um dia, sem se lembrarem de quantos obstáculos teriam de transpôr, de quantas desilusões sofreriam, de quantas provações haviam de passar, para no final de contas terem de regressar, desiludidos e tristes, ao anonimato de que em verdade nunca tinham saído.

Eu conheço pessoalmente quasi tôdas e todos os artistas cinematográficos portugueses.

Tenho conversado imenso com êles, e tenho observado que não há um, um só, que não esteja desiludido, que não tenha visto ruir por terra todos os seus lindos sonhos, tôdas as suas quiméricas aspirações.

E todavia alguns dêles gozaram duma fama relativa, duma razoável publicidade.

Porisso vocês, rapazes e raparigas que têm, como eu, vinte anos, não queiram sofrer crueis desilusões, não sonhem, para que o despertar não seja desagradabilíssimo.

Talvez que amanhã exista produção cinematográfica em Portugal.

Que isto não seja um alento para as vossas aspirações irrealizáveis, uma fumaça de ópio que fizesse durar o vosso sonho durante mais algum tempo.

E depois, vocês sabem, ser bonito, ter uns olhos expressivos, saber nadar o *crawl*, jogar o *tennis*, guiar automóvel, vestir bem e falar francês e inglês, não é suficiente, não é nada.

O tempo do actor bonito — se alguma vez existiu realmente — já passou, já desapareceu.

Querem-se artistas e não modêlos; querem-se temperamentos, inteligências, e não rostos belos;

querem-se talentos, vocações e não corpos perfeitos ou fatos bem talhados.

E eu tenho a impressão de que vocês todos — desculpem a rude franqueza — são muito ôcozinhos, não têm nada lá dentro.

Portanto, raparigas e rapazes da minha idade, sigam o meu conselho: não pensem mais nisso.

F E R N A N D O .



Um lindo sorriso de Dina Tereza

Estreiou-se ontem no cinema *Ermilage*, de Paris, o último filme de Leonce Perret, «*La Folle Nuit*», com Margarit Deval, Colette Broïdo, Suzanne Bianchett e outros.

B U S T E R K E A T O N

O famoso Pamplinas—O homem que nunca vimos rir no «écran» e que desde criança
faz rir todo o público, com a sua expressão impassível, fria, semi-gelada.

Já lá vai o tempo em que os filmes de alta-comédia e dramáticos predominavam no gosto do público, que acorria aos cinemas para se emocionar com o romantismo doentio, a procurar rajadas violentas de tragédia—assolando os nervos, oprimindo o peito, a sufocar soluços...; neurasterisando-se com tristezas e consolando-se com lágrimas...

A vida, então, corria alegre, quasi despreocupada... Mas os temperamentos das raças fôr-am-se modificando, pouco a pouco, subjugadas pelo Progresso, que numa marcha vertiginosa e insatisfeita, transformou os costumes e os sentimentos mórbidos. A vida deixou de ser o socêgo para se tornar uma luta obsecante, nervosa, a galvanisar os nervos e a esgotar os cérebros.

...E as pessoas, com êsses nervos cansados pelas labutas quotidianas, correram em procura de compensações que suavisassem o esgotamento das energias, tão árduamente dispendidas, com acções recreativas. Assim, o público foi abandonando os filmes dramáticos, que agora o faria entristecer mais ainda, para preferir, com razão, os filmes cómicos e os filmes de operetas que são, sem dúvida, actualmente, os géneros que mais agradam...

Tudo nos leva a crêr que se algumas emprêsas produtoras ainda lançam no mercado um ou outro filme dramático é sómente para satisfazer, de quando em quando, uns restos do amadorismo dêsse género, que vêmos, dia a dia, a desaparecer.

Por tal razão nunca na indústria cinematográfica existiu um conjunto tão extraordinário de artistas cómicos como actualmente.

O aparecimento do sonôro, foi para muitos artistas, a queda brusca, que os sepultou para sempre... A nova arte veio exigir outras aptidões que muitos dêles não possuíam. Alguns ficaram—bem poucos—e devido às exigências requeridas pelo sonôro tiveram que recomeçar a luta para um novo triunfo, dispendir novas energias, outras vontades, lutando para vencer e para a nova conquista do público. Dêstes alguns tiveram que desistir... e outros sossobraram à custa de muitos sacrifícios, para não serem ofuscados com as novas estrêlas que apareceram...

Dos artistas da velha guarda—do género cómico—três resistiram e conseguiram impôr-se—Harold, Charlot e Pamplinas. De todos êles o que mais teve que lutar, pois esteve quasi em eminentes fracassos, foi Pamplinas. Buster Keaton desde criança, por feito, por temperamento, que era sisudo, de cara impassível... Falou sempre pouco, mesmo na intimidade, e não ria. De tudo isso, sôbretudo da palavra o cinema silencioso prescindia, mas o sonôro de início—que arrepios lhe causou a inovação!—não prescindia da palavra!

Pouco depois reconhece-se que o sonoro também podia recorrer a outras particularidades que podiam, em parte, atenuar a voz. Por se falar pouco o sonoro não deixava de ter interêsse. E então Buster Keaton, confiado, cheio de esperanças, entrou no novo género de cinema—actuando no «Fabricante de Estrêlas»—o seu primeiro fono-filme. A seguir

(Continúa na última página)



Uma imagem do belo filme de Buster Keaton «Pamplinas de Pijama», que na próxima 2.ª feira se estreia no Aguiá d'Ouro

DA VIDA CINEGRÁFICA

Como Greta Garbo foi entrevistada e fotografada sem dar por tal.

o conseguiu. Ora estes jornalistas fôram batidos admiravelmente por uma redactora duma agência americana, Dorothy Ducas. A jóvem, jornalista usou dum estratagemma que deu um maravilhoso resultado. Tendo conhecimento antecipado de que Greta Garbo iria a um cabeleireiro de Nova York, conseguiu passar por ajudante dêste, depois dum acôrdo com o embelezador de cabeças de mulher. E Greta sem a mínima desconfiança trocou algumas inocentes confidências, persuadida de que tinha na sua frente uma simples cinéfila de plateia. Dorothy manifestou-lhe o desejo de trabalhar no cinema e ela aconselhou-a mostrando-lhe os inconvenientes dêsse trabalho. E durante êste tempo em que o cabeleireiro ia cumprindo a sua tarefa de enfeitar tão formosa e refulgente cabeça, ardidosamente a pseudo-ajudante ia-se informando de algumas interessantes opiniões da «estrêla». Atrás dum reposteiro, para completar a sensacional reportagem, foi colocada uma máquina fotográfica de tal forma que a grande estrêla se não poderia aperceber de tal.

E pronto; Vocês estão a vêr: Dorothy, a espertalhona redactora, tirou-lhe ainda duas fotografias e bateu assim um récord entre os seus camaradas de imprensa, difficilimo, mesmo, de igualar.

Eis uma mulher que fez vêr e demonstrou como se deve andar para se conseguir uma reportagem de sensação.

Calculem agora a cara que deveria ter feito a bela suéca ao lêr no jornal como fôra apanhada sem sentir. Greta começa naturalmente por desconfiar de todo o mundo e não fala a mais ninguém da sua arte.

E' muito capaz disso.

O Cinema no Japão

Segundo uma recente estatística, há actualmente no Japão 1405 cinemas, dos quais 63 exibem somente filmes estrangeiros. Durante o ano de 1930 foram projectadas 273 películas sendo: 220, americanas; 30, alemãs; 11, francesas; 4, inglesas; 5, italia-

nas e 3, russas. Entre os filmes estreados ultimamente em Tokio, destacam-se: «O Anjo Azul», «O Vagabundo Imortal» e «Sob os Telhados de Paris».

O primeiro dêstes filmes sofreu um corte de quatro centos metros, visto a censura o considerar imoral. Embora o público japonês tenha uma grande simpatia pelos filmes russos, a bela produção de Eisenstein, «A Linha Geral», foi recebida com desgurado.

nas e 3, russas. Entre os filmes estreados ultimamente em Tokio, destacam-se: «O Anjo Azul», «O Vagabundo Imortal» e «Sob os Telhados de Paris».

O primeiro dêstes filmes sofreu um corte de quatro centos metros, visto a censura o considerar imoral. Embora o público japonês tenha uma grande simpatia pelos filmes russos, a bela produção de Eisenstein, «A Linha Geral», foi recebida com desgurado.

A actividade de Adalqui Millar

Por todo o mês corrente, Adalqui Millar, começará em Paris a produção de filmes falados em francês e espanhol. O notável director de «As Luzes de Buenos Aires», a grande super da *Paramount* que nos será apresentada brevemente, contratou já alguns conhecidos artistas do país visinho, entre êles a simpática Carmen de Tierra e «Kuindós».

O regresso de Lupe Velez

Depois do fonofilme «Ressurreição», em que Lupe Velez encarnou soberbamente o papel de Katusha, nunca mais os jornais falaram desta encantadora artista. Há dias, porém, o correio trouxe-nos a agradável notícia que a linda mexicana tinha terminado para a *Columbia* o filme falado em espanhol, «Homens da minha vida», produção que, exibida em sessão particular para os jornalistas, foi recebida com fartos aplausos, sendo a protagonista delirantemente aplaudida pela sua formidável interpretação.

Mais documentários sobre a Africa

Hans Schomburgk, famoso explorador alemão, regressou recentemente da Africa onde filmou cêrca de 16.000 metros de película. Esta enorme metragem de filme, depois dos respectivos cortes, será adaptada a quatro produções documentais que serão apresentadas brevemente no mercado de filmes.

A nova produção Americana

Esta temporada, serão produzidos nos Estados Unidos 347 filmes, sendo: *Paramount*, 63; *Metro*, 50; *Fox*, 48; *Warner-First*, 70; *R. K. O.-Pathé*, 48; *Universal*, 26; *Columbia*, 26 e *United Artists*, 16.

Pela estatística, verificamos que não vai



Denis King, o famoso intérprete de «O Rei Vagabundo», trabalha presentemente em Chicago, ganhando, semanalmente, 60 contos.

haver falta de filmes americanos, no entanto, seria bom que os produtores de Além Atlântico olhassem um pouco mais pelas qualidades das suas produções, sem se importarem da quantidade...

Conrad Veidt hoteleiro

O talentoso artista do cinema alemão, Conrad Veidt, é proprietário de um dos melhores hotéis de Berlin.

«O Rugido do Dragão»

E' o título de um novo filme original de Meriam C. Coofer, o produtor de «Chang», que o realizador Wesley Ruggles vai dirigir. São protagonistas Richard Dix e Anna May Wong a artista americana cujos dotes físicos a obrigam a ser sempre a intérprete inseparável de todos os filmes cuja acção decorra na China... ou entre chineses.

As grandes organizações

A maioria das empresas produtoras dos Estados Unidos, para garantirem a exibição das suas produções, possuem quasi todas grande número de casas de espectáculos. A *Paramount*, por exemplo, é proprietária de 971 cinêmas; *Warner-First*, 509; *Fox*, 521; *Loew's Incorporated*, 189; *R. K. O.*, 161 e *Universal*, 66.

Em Portugal, há anos, também se falou num *trust* idêntico mas... faltou o dinheiro.

No paiz da liberdade

Depois do rapto do filho do aviador Lindbergh, os senhores bandidos americanos continuam impunemente a praticar todas as proezas que muito bem lhes apetece, sem que as autoridades tomem providências inérgicas.

Agora, foi ameaçada a artista cinematográfica Ann Harding de perder a sua filhinha Jane, caso não entregue uma elevadíssima importância.

Outro tanto sucedeu a *Bebé Deniels*. Por êste andar, até a própria estátua da Liberdade, de que os americanos tanto se orgulham, será raptada...

«As Luzes de Buenos Aires»

Na passada 2.ª feira, estreou-se no elegante cinema *Tivoli*, de Lisboa, o filme da *Paramount*, «Luzes de Buenos Aires» e que foi recebido com geral agrado pelo público da capital. Eis o que o crítico do «Diário de Notícias» disse sobre essa bela produção que brevemente se estreia no Pôrto:

«Luzes de Buenos Aires», com meia dúzia de tangos e de canções tipicamente argentinas, com vozes frescas e bem timbradas, com um ambiente característico — em que perpassa a nostalgia dos pampas, a vertigem da grande capital sul-americana — conquista facilmente simpatias, cái logo no agrado dos espectadores. Um filme que desperta tal interesse não precisa duma apreciação demorada, dis-



Lupe Velez e Paul Ellis em *Homem da Minha Vida*, em *Columba*

pensa certas formalidades. No fim de contas, as grandes produções, por via de regra pesadas, não se demoram largo tempo nos cartazes. O momento é do cinema ligeiro, do cinema que se vê e se ouve com despreendimento, que preenche duas horas de boa disposição, que se esquece ao sair da sala de projecções.

Dorothy Gish está doente

Dorothy Gish, a encantadora artista que tivemos ocasião de apreciar em inúmeros filmes silenciosos e a quem o sonoro não foi propício, encontra-se gravemente enferma num hospital de New York.

Que a meiga Dorothy se restabeleça rapidamente, são os nossos ardentes desejos.

Compressão de despesas

Há dias, o cinegrafista-americano Will Rogers, de visita aos studios da *Fox* na companhia de um componente do Govêrno dos Estados Unidos, olhando para um director de cena cujo físico não atingia as proporções do homem normal, voltou-se para o seu companheiro e disse:

— Nesta época de compressão de despesas em que a *Fox* se encontra, esta empresa até se viu obrigada a diminuir ao tamanho dos seus directores.

Esta conta-se como verdadeira

Pola Negri e o famoso cientista Albert Einstein encontraram-se em Palm Springs. Quando Pola ouviu expôr as teorias sobre a relatividade, que tão célebre tornaram o grande sábio alemão, diz-se que perguntou:

— «E há quanto tempo é que isto dura?»
Mas o mais engraçado é que, quando informaram Einstein que o salário de Pola Negri andava por muitas centenas de milhares de dollars por ano, êle fitou-a durante um longo minuto e chamando alguém que tinha ao lado, disse, piscando um olho:

— «Está bem. E há quanto tempo é que isto dura?»

A «Photoplay» conta êste caso engraçado

Na fachada de um grande cinema de Hollywood lia-se há tempos um grande cartaz, que chamou a atenção de todos, o qual era assim concebido:

«DUAS ESPÉCIES DE MULHERES»
Miriam Hopkins e Phillips Holmes

Mas isto acontece em todo o mundo. Suponhamos que o filme *Dishonored* era apresentado entre nós com o título de *Deshonrada*. Nada mais natural do que vermos no automóvel-cartaz do Trindade êste reclame:

MARLENE DIETRICH

«Deshonrada»
no
Trindade

E depois o Alberto Pereira é quem pagava as favas...

Je ne connais pas le film parlant!... Est-ce parce que l'homme a trouvé un jour le langage qu'il lui est devenu impossible d'expliquer quelque chose sans y avoir recours? Voilà précisément ce que le cinéma doit réussir. Il faut arriver à rendre intelligible une intrigue sans se servir de ce subterfuge.

R E N É C L A I R .

O cinema francês tão inconsistente, tão desequilibrado por um número extraordinário de «metteurs-en-scène» ôcos e cabotinos, sem uma inteligência sólida que se manifeste num grito de talento, que trabalham unicamente amparados ao pequeno poder das vedetas, dos autores literários e até do artifício da decoração, conta, tôdavia, quatro ou cinco homens que se têm esforçado com um pouco mais de vontade para a criação duma arte capaz de se impôr ao aplauso dos cinéfilos puros e dedicados.

São êles: Abel Gance, Marcel l'Herbier, Jean Epstein, Jacques Feyder (actualmente ausente) e René Clair. Alguns dêstes, mesmo, têm sido apontados por vezes como vulgares ou exagerados nas suas realizações, por certos críticos mais violentos, mas a verdade é que René Clair, de entre êles, salta a um plano superior, mais desempoeirado e louvado pela sua afirmação pessoal.

No dizer de Alexandre Arnoux, êle «possue influência, estilo e um espírito composto de sentimento, de ternura e de ironia». E com efeito, esta frase sintética e clara, sem prolixidades enfáticas de análise profunda, revela bastante a sua personalidade de criador de algumas das melhores produções francesas. De resto, enfileirando-se a sua obra, desde o *Paris que Dorme* cuja «trouvaille» nos encantou, passando por *A Torre Eiffel*, *Os Dois Timidos*, *O Chapéu de Palha de Itália*, *A Viagem Imaginária*,

Algumas palavras a respeito de René Clair

Sob os Telhados de Paris, O Milhão até Viva a Liberdade, que não vimos ainda, mas de que nos dizem o melhor, parece-nos bem evidente e desnecessário persistir na sua importância.

René Clair ao dirigir os seus filmes não se preocupa sómente com a elite cinematográfica para quem pretende trabalhar com dedicação, mas lembra-se também do público, a grande massa, base da vitalidade geral da cinematografia. Por isso as suas películas satisfazem na maioria a cultos observadores e a simples partidários do passa-tempo e da diversão.

«Esquivando-se de caminhar por meios já percorridos — diz Jean Richard na «Cinéa» — despreza as imitações para nos dar sómente o que revela a escolha do seu lúcido e inventivo espírito. Seria no entanto exagerado pretender que tudo o que nos mostra é exclusivamente seu. Clair tem uma verdadeira cultura cinematográfica. Tem visto muito e fixado bastante. A propósito do seu último filme «Viva a Liberdade», reprovaram-se-lhe algumas semelhanças. E' certo que apesar do eclectismo que êle revela, na sua formação, se não pode negar as influências que o afectaram. Chaplin sobretudo, parece dominá-lo. Quem não encontrou no extravagante e banal Emile de «Viva a Liberdade, coração sensível perdido num mundo de máquinas, o amoroso desiludido de «A Quimera de Ouro» ou o patético vagabundo das «Luzes da Cidade»? Quem não evocou, ante a cena da inauguração da fábrica modêlo, a do monumento das «Luzes da Cidade»? Quem não reconheceu na cena final do filme de Clair o quadro campestre de «Idílio no Campo»? Mas se muitas passagens de «Viva a Liberdade» são directamente inspiradas dessa filosofia das coisas do amor e do dinheiro que o grande mimo do cinema nos mostrou, encontra-se-lhe ainda a comicidade que fez a fortuna das primeiras fitas de Charlot, os trambolhões do «Arroseur Arrosé», as perseguições e os pasteis de crème das comédias Mack Sennett. E que diríeis vós, vendo que a estas formas trágico-cómicas, Clair tem aliado outras mais fortes e dum interesse cinematográfico igual aos movimentos de massas de «Metropolis» e de «O Presídio» por exemplo, e o fanlástico expressionismo de «Caligari».

O talento e a originalidade de Clair consistem em que êle tem sabido utilizar hábilmente êstes elementos cinematográficos conservando em cada um dêles o seu valor próprio, ligando-os e insuflando-lhes êsse espírito tão particular que lhe conhecemos».

O assunto de *Viva a Liberdade* é simples e nêle René Clair dá-nos «uma exposição das suas teorias filosóficas sôbre a liberdade». Dois homens conhecem-se numa prisão e ao acharem-se livres vêem-se na vida com destinos e aspirações diferentes. Um chegou a director duma grande fábrica de gramofono-

nes; o outro não passou dum vulgar operário. Mas voltam a encontrar-se de novo e agora para tomarem ambos o caminho da vagabundagem, da liberdade, livres da escravidão da sociedade. Foi à volta desta história que êle compôs esta recente produção numa espécie de sátira social, burlescamente tratada com o seu fino espírito conceptivo das imagens e das coisas.

E' mais uma expressão de René Clair dando-nos uma série de imagens tratadas com subtileza essencialmente cinematográfica e que não tem como alguns pretendem, talvez através do título, ideias subversivas. O enredo é mais um pretexto (para manifestar o seu sentido de construção cinematográfica) do que um fim. Citamos já os filmes dirigidos pelo notável cinéasta francês, mas queremos sobretudo frisar um pouco a sua obra depois do advento do sonoro. René Clair foi quem nos deu o primeiro fonofilm demonstrando as possibilidades de assimilação da palavra e do som, sob a técnica expressiva do mudo, enquanto os outros continuavam agarrados à formula primitiva e teatral, dando-nos o *Rio Rita* e quejandas, duma sensoria cinegráfica incontestável, embora algo atraentes pelo aparato de mise-en-scène. *Sob os Telhados de Paris* era um novo caminho aberto que nem todos seguiram e que o próprio René Clair, com o *Milhão*, abandonou quasi em absoluto, enveredando para a opereta cujos efeitos e predominância no domínio do fonocinema são notáveis. A êste

propósito Jean Richard diz ainda estas palavras que eu perfilho:

«Paris que dorme», «Sob os Telhados de Paris» e «Viva a Liberdade» são sem dúvida mais cinematográficas que os «Dois Timidos» ou o «Milhão».

E J. G. Auriol na «Du Cinéma», falando do penúltimo filme dêste extraordinário realizador francês, considerado um dos melhores da Europa, diz também:

«O Milhão» até certo ponto e por razões íntimas de experiência, foi realizado certamente como uma grande brincadeira».

Na verdade, não tenho a mais pequena intenção de amesquinhar o mérito de René Clair, deve-se concordar que o *Milhão* seguia já as pisadas dessa maravilhosa e cativante opereta *O Caminho do Paraíso*, o que levou alguns críticos a considerarem êsse filme como uma pausa na sua obra notável de realizador buscando sempre o máximo de efeito especialmente «cinematográfico».

Em *Viva a Liberdade* parece que o veremos retomar mais ou menos a directriz enunciada em *Sob os Telhados*.

Une hirondelle ne fait pas le printemps, mais un film de René Clair fait toujours un pen de printemps au cinéma.

G E O R G E S A L T M A N .

E' o que esperamos. E isso é uma das razões porque anciamos ver tal obra.

Para terminar, recorto do excelente livro de Charensol, «Panorama do Cinema», estas palavras:

René Clair é a personificação da delicadeza e da subtilidade; o que o caracteriza é uma inteligência extremamente lúcida e uma segurança de gosto que — por excesso de espírito crítico — o impedirão talvez de realizar a grande obra que todos temos o direito de esperar dêle.

Nós somos mais optimistas e não duvidamos que Clair, mais tarde ou mais cedo, lance ao mundo essa obra de que fala Charensol, essa obra que deixará Europa e América surpreendidas e boquiabertas.

J . A L V E S D A C U N H A .



Uma imagem de «O Milhão»



René Clair



Uma imagem de «Sob os telhados de Paris»

Revista aos filmes da semana

por ALVES COSTA

Inspiração Este novo filme de Clarence Brown, pertence ainda aquela série de obras ciné-teatrais a que um crítico chamou teatrografia, e que, forçosamente, terão de desaparecer de vez, para que de novo a imagem reine no lugar que temporariamente o diálogo lhe usurpou. *Inspiração* é um romance de amor bem exposto e bem desenvolvido, mas menos contado em imagens do que descrito em palavras. Como em *Romance*, talvez menos um pouco do que em *Romance*, é a imagem que secunda o diálogo e não o diálogo que reforça ou completa a imagem. Se isto diminua o valor do filme como obra cinematográfica — sou forçado a reconhecê-lo — isso não me impediu de gostar de *Inspiração*, porque a figura de Greta Garbo tudo suplanta, para se impôr, em toda a grandeza, pela sua actuação extraordinária.

Estou gostando muitíssimo mais de Greta Garbo agora do que gostava no tempo do silencioso. A sua voz grave, arrastada e quente, que tão bem fica à sua estranha personalidade, foi enriquecer os seus já excelentes dotes de expressão. Em *Inspiração*, Garbo é uma mulher que ama, que sofre, que se sacrifica, vivendo a figura interessante de Yvonne com convicção, com um sentimento profundo, que emociona, que conquista, que fascina. É uma mulher-mulher, que têm um sonho de amor durante a sua vida, uma vida artificial sem um carinho, sem um beijo que não tenha sido vendido, e que vê esse sonho transformar-se em mais uma desilusão, a última que poderá suportar. Mulher fria que sorri com uma pontinha de desdém para os homens que a desejam, mulher que ama com paixão ardente e que aceita com resignação o sacrifício que o destino lhe impõe, Greta Garbo foi sempre uma artista impecável, uma grande artista, profundamente compenetrada do papel que desempenha.

Pelo trabalho de Greta Garbo, só pelo trabalho de Greta Garbo (porque Robert Montgomery não tem forças para a secundar, nem para a acompanhar de longe, e porque Lewis Stone tem uma pequena parte) vale a pena ver *Inspiração*.

Fatalidade A espionagem, essa engrenagem fantástica desenvolvida ao máximo durante a última guerra (última é como quem diz... porque as potências mundiais, conversando «amigavelmente» sobre a Paz, vão-se preparando para a próxima) tem servido vezes sem conta como tema de variadas obras cinematográficas. Mas apenas como tema. Infelizmente — e por isso ser talvez demasiado arrojado — nunca nenhum cinegrafista tentou revelar aos olhos do mundo, na tela branca dos cinemas, os «dessous» da espionagem, num filme que bem nos mostrasse a monstruosidade dessa teia de aranha diabólica com que os homens se ajudam a massacrar. *Fatalidade*, que gira à volta dum caso de espionagem, não toca este assunto senão de leve, para fazer incidir toda a atenção sobre o debate íntimo de duas almas que procuram unir-se e se combatem paradoxalmente. A história, fraca de essência e aproximando-se do convencional, não é demasiado nova, mas desta vez foi tratada por Sternberg e Sternberg, ainda que tenha perdido em parte a potência directiva que elevadamente revelou em *Docas de Now York* e

sobretudo em *Vidas Tenebrosas*, manteve-se uniformemente à altura do nome que justamente conquistou.

Fatalidade é um filme bem feito. É essencialmente um filme bem feito, cheio de beleza, primoroso no recorte de certos detalhes, composto num admirável sentido visual, desenvolvido numa cadência certa, num ritmo único. Som e palavras são aqui apenas um complemento das imagens — imagens cuidadosamente compostas, desfiando-se lentamente, sobrepondo-se, continuando-se numa ligação perfeitamente cinematográfica.

(Aqui devo enaltecer a excelente fotografia de Lee Garmes e chamar-vos a atenção para essas distribuições de luz, essas lindíssimas combinações de tons claro-escuros que fazem de cada imagem um quadro de extraordinária beleza).

Sternberg que me deixou um pouco desapontado com *Marrocos*, volta a fazer-me ter confiança nêle. Sente-se a sua presença em toda a parte, adivinha-se o seu pulso forte de artista que sabe o que quer.

Sob suas ordens teve Sternberg um grupo de artistas de primeiro plano. (Vocês viram o Barry Norton e o Lew Cody?) à frente dos quais brilham os nomes de Marlene Dietrich e de Victor Mac Laglen. Marlene, em *Fatalidade*, agradou-me muito mais do que em *Marrocos*. É possível que os produtores americanos não lhe permitam abandonar o género que lhe estão fazendo seguir e que, por consequência, ela venha a repetir-se para futuro, em seu próprio prejuízo. Mas as previsões agora não interessam. O seu trabalho em *X-27* merece bem os nossos elogios. Repararam naquelas cenas do começo, em casa, com o chefe do Serviço Secreto? Lembra-se daquela passagem quando, ao piano, compõe a música que o oficial russo destruíra? Notaram a sua magnífica composição quando se disfarça de criada? Viram o seu belo jôgo fisionómico, nas cenas finais, ocultando sob uma calma extraordinária a luta que se trava no seu íntimo? Ali não há só a ajuda e as ordens de Sternberg, há na verdade capacidade artística. Mac Laglen, secunda-a sem dificuldade encarnando essa figura de homem arrojado e atrevido, assim como todos os outros intérpretes, muito dentro dos seus papeis.

Sevilha de Meus Amores Um filme modesto, muito agradável e gracioso. Uma história singela em que Ramon Navarro, como director e como intérprete, se coloca numa posição de destaque. O seu desempenho agradou-me sobremaneira, quer quando é o rapaz estouvado sem grandes preocupações, quer quando sofre sob o peso dum amor desfeito. Passemos sobre essa Espanha vista à americana e sobre esse trecho colorido, de mau gosto, quebrando a unidade do filme. Recordemos apenas as cenas graciosas do passeio pelo mercado, da lição de canto e da chegada a Madrid. Bonitas canções salpicando o filme de notas sentimentais. Nem sempre gostei de Conchita Montenegro, que por vezes não me pareceu sincera; Todavia o seu desempenho não prejudica a unidade de *Sevilha de Meus Amores*, um filme que só pretende ser agradável... e que, o que me admirou, muito público tem chamado ao Olímpia.

FOTOGRAFIA GUEDES

O mais completo Atelier Fotográfico
NEVES GUIMARÃES
346, Rua de Santa Catarina, 350 — Telef. 2680

Os intérpretes dos filmes
que se exibem no Pôrto



MARLÈNE DIETRICH, protagonista de «Fatalidade», filme de Josef Von Stenberg, editado pela Paramount.

GRETA GARBO, a famosa protagonista de «Inspiração», super produção da M. G. M., na qual mais uma vez nos patenteia o seu raro temperamento artístico.

RAMON NOVARRO, o actor-realizador de «Sevilha dos meus amores», numa cêna do seu filme.



Mar-e-Alva — Na verdade Asta Nielsen não usa o seu verdadeiro nome, que é Asta Chmara. Nasceu em 1883. É uma grande artista, mas mal conhecida em Portugal. Julgo que ainda mora em Kaiser Allee, 203, Berlim W., Alemanha. Disponha sempre da minha paciência.

Mário Fernandes — Verá Milton; creio que ainda nesta temporada, em *O Rei da Banda*.

Escreva-lhe para 14, bis-Villa Madrid, Neuilly-Sur-Seine, França. As considerações que *Tragédia da Mina* lhe sugeriu, são sensatas, lógicas e inteligentes porque «le cinema est aussi un vehicule d'idées» como afirma Moussinac. Creio que *Atlantida* sairá um pouco da corrente que Pabs organizara com *4 de Infantaria*, *A Opera dos 4 vintens* e *Tragédia da Mina*. A ver vamos.

S. Pereira — A Direcção agradece o seu postal de felicitações, assim como a indicação dos nomes e moradas dos seus amigos que desejam assinar a *Invicta*.

Curioso — Clark Gable é hoje um dos artistas cinematográficos de maior nomeada na América e goza duma popularidade nada inferior à de Greta Garbo ou de Marlena Dietrich. Pode escrever-lhe para os Metro-Goldwyn-Mayer Studios, Culver City, Calif., U. S. A. É sempre conveniente mandar algum dinheiro, mas olhe que o dollar está alto como o diabo... Você fará o que entender.

S. Fontes — Na semana passada em resposta à sua última carta dei-lhe uma direcção errada. Dina Tereza mora agora na Avenida Elias Garcia, 82, 3.º, Lisboa-Norte. Se já lhe escreveu só tenho a pedir-lhe desculpas, mas, você compreende, as nossas artistas quando mudam de casa não nos dão (nem tem de dar, essa é a verdade) satisfações... porque a publicidade é coisa que parece não lhes interessar muito... Naturalmente é para justificar aquela frase da Beatriz Costa em *A Minha Noite de Nupcias*: «as artistas do cinema detestam a publicidade...»

Um que queria ser soldado em Perusa — Caramba! Você não podia arranjar um pseudónimo ainda maior?... Com que então queria ser galucho no Principado de Perusa, só por causa daquelas deliciosas raparigas que vinham dansar com os soldados! Grande mariola! Mas olhe que não é você o único com tal desejo. Quando eu vi *A Princesa Encantadora*, o camarada A. A. Pereira confessou-me que «também não desgostaria de assentar praça em Perusa...» é claro, «se a esposa dête deixasse...» O peor é que Perusa nasceu nas cabeças de Pressburger e R. Schunzel... e eu não sei como vocês haviam de entrar lá...

O lampianista, chefe de gare, empregado dos telégrafos, agulheiro, etc. e etc. era Guy Sloux. *Rony* é um filme alemão mas em versão francesa. Mande sempre, mas para a próxima vez escolha o seu quilométrico pseudónimo, senão corto-lhe eu um bocado.

A. S. P. — Mostrei o seu postal ao Director. Fica entendido. Retribuo cumprimentos.

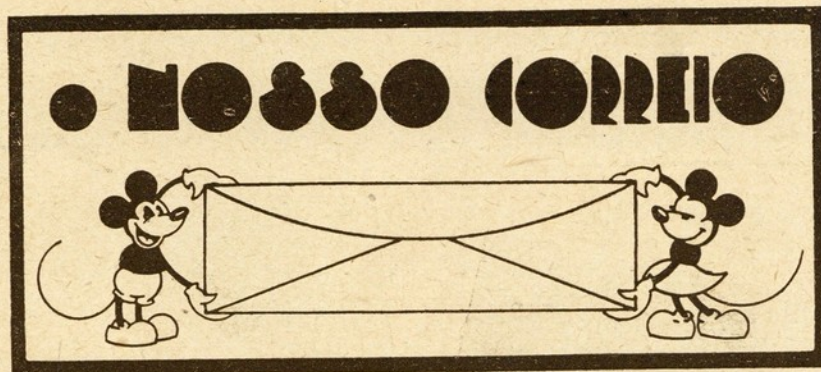
Um amigo da «Invicta-Cine» — Amigos da «Invicta-Cine» são todos os nossos leitores. Veja se arranja outro pseudónimo que o caracterize melhor. Valeu?

Narcy Canoll recebe correspondência nos Paramount Public Studios, Hollywood, California, U. S. A. — Sempre às ordens.

José M. Ramos — Obrigadíssimo pelas suas felicitações! Terei muito prazer em o incluir na minha «família» e de o contar no número dos meus mais assíduos correspondentes — Douglas Faz... bancos agradece e retribue cumprimentos. Comunicarei a Um «Académico» o que deseja.

Um Académico — O sr. José de Medeiros Ramos (Ponta Delgada, Açores), deseja entrar em relações epistolares com o meu amigo para lhe comprar a colecção de «Invicta-Cine» que você vende... se não pedir por ela uma preço «astronómico». Pode escrever-lhe directamente para a direcção que dou acima.

Villas Más — Eu estou magnífico, e o amigo? Aí vão as direcções que deseja conhecer: Ramon Navarro — Metro-Goldwyn-Mayer Studios, Culver City, California, U. S. A.;



Ganet Gaynor: Fox Studios, 1401 N. Westew Avenue, Hollywood, California, U. S. A.

Se quiser ter mais garantias de receber as almeçadas fotografias, mande algum dinheiro. Obrigado, mas não colecionamos selos. — Não maçou absolutamente nada. Disponha sempre dos meus préstimos e da minha infinita paciência.

Laurinda Leite — O meu camarada

ficou radiante com a sua foto e anda por aí a dizer a toda a gente que você é o suco das cinéfilas da Rua do Almada...

Victor Veres — A Administração pede-me que comunique ao meu amigo que recebeu a importância referente ao renascimento da sua assinatura (que fica paga até ao n.º 168) e lhe apresente os seus agradecimentos.

Zopi — Obrigadíssimo pelas suas amabilidades. Ainda bem que gostou francamente de *A Tragédia da Mina*. Não tenha dúvidas que a última obra de Pabs é das poucas produções elevadas, nobres e humaníssimas que o cinema nos tem dado. — Sôbre o Estúdio Nacional só lhe sei dizer, por enquanto, que ainda é tudo muito vago, muito problemático... Esperemos pelo dia de amanhã. Pode ser que alguma coisa se faça... e se o que fizerem for honesto cá me têm a ajudá-los com o meu apoio moral. — A Paramount não faz mais filmes falantes em português porque... financeiramente não lhe vale a pena. Escreva sempre.

Um Académico — Ainda não há dois minutos chamei por si. Já leu o que lhe digo mais acima?

As suas apreciações sôbre *A Tragédia do Mina* não estão mal. Você anotou bem alguns detalhes como por exemplo aquele da mulher que segue o caminhão silenciosamente. Procure porém ser mais original. Deve escrever-me logo que vir um filme de valor antes de ler a crítica aqui publicada, para evitar influências alheias. Entendido?

Vejo que você é um bisbilhoteiro de marca. O que descobriu sôbre o meu camarada está quasi absolutamente certo. Houve apenas um pequeno engano na profissão e uma insuficiência no nome. Porque não vai para o detective? Era capaz de meter num chinelo o E. Loubet... apesar das descobertas mirabolantes que êle fez na Torre dos Clérigos. Pobre torre!... Até à semana, amigo, conto com as suas notícias como você pode contar com a minha inteira boa disposição para o ler.

Maria Cachucha com quem dormes tu — Oh homem, encolha-me êsse pseudónimo!

Ena pai! Que de palavões! Pronto, pronto, já aqui não está quem falou. Você fez-me rir com umas piadas que diz na sua carta... e merece uma dúzia de abraços pelos elogios que nos tece.

O título com que *Matou!* será exibido em França é *Le Mau-dit: Bluff* era interpretado por Préjean mas não por Louise Brooks. Não reparei na troca de fotografias de que fala, mas ri-me com a tal história dos cavalinhos. Escreva mais vezes, gosto de o vêr por cá.

Marténico — Você está doentinho!... Como não ficará quando vir *Fatalidade*... Escreva à sua apaixonada para os Paramount Public Studios, Hollywood, California, U. S. A., em inglês ou alemão.

Um atrevido — Não recebi o outro postal a que o amigo se refere. Naturalmente perdeu-se no correio. Stan Laurel e Olivier Hardy recebem correspondência nos Hal Roach Studios, Culver City, California, U. S. A. Deve mandar dinheiro. Pode escrever em qualquer língua.

Milocas — Ricardo Cortez receberá, com os seus habituais olhos de cavalo constipado, a sua carta nos Radio Pictures Studios, 780 Gower St., Hollywood, California, U. S. A. Sempre ao seu dispor Miloquinhas.

A M O K

O «CINEMAGAZINE» fez um inquérito junto de cem importantes individualidades parisienses, perguntando: «Qual o filme que mais o interessou em 1931?» «Viva a Liberdade» de René Clair obteve a maioria de votos. Porque não veremos êste filme em Portugal?

«INVICTA-CINE» agradece reconhecida-mente aos camaradas «IMAGEM» E «CINEMA» as amáveis palavras de felicitações que lhe dedicaram pela passagem do seu nôno aniversário. «INVICTA-CINE» torna também extensivo o seu agradecimento a todas as pessoas amigas que, pelo mesmo motivo, lhe enviaram cumprimentos.

Uma artista inegualável

Marie Dressler é a pessoa mais admirável de Hollywood.

O registo do seu nascimento e os membros da sua família dizem que Marie tem sessenta anos. A nosso ver, Marie não tem idade. Possui o entusiasmo dos dez anos, a vitalidade dos vinte, a enérgica ambição dos trinta, a póse dos quarenta, a tolerância dos cinquenta, a sabedoria dos sessenta, a compreensão humana dos setenta e assim por diante. Dansa com a graça e a levêsa da adolescência. Pode tocar o sólo com as palmas da mão sem dobrar os joelhos, com tôda a elasticidade da juventude e fala com a discreta tolerância que distingue a pessoa que tem vivido muitos anos.

«Realmente não se começa a viver senão quando se chega aos cinquenta», diz Marie frequentemente.

«Em geral, todo o mundo é muito tôlo em se precipitar, se incomodar e se inquietar, fazendo um barulho tão grande por coisas tão insignificantes e esperando tanto da vida. Quando se chega aos cinquenta, é que começamos a compreender a inutilidade de tudo isto. Quando não se espera coisa alguma, nada nos desaponta.

Depois de muitos anos de grandes e pequenos triunfos, depois de ter lido em milhares de jornais e magazines, artigos a respeito de si própria (pois não nos devemos esquecer que Marie tem sido uma estrêla desde a idade de dezoito anos), ela ainda se emociona com os recortes dos jornais ou com alguma critica especialmente bôa a respeito dos seus filmes. A mesma coisa se passa com as cartas dos seus admiradores. Quando lhe escrevem dizendo que ela ou os seus filmes tem exercido uma bôa influência na vida de alguma pessoa, Marie põe as cartas na sua grande bolsa, sempre cheia, e lê algumas frases aos seus amigos com uma infantil alegria e reconhecimento.

Marie principiou a esculpir a sua carreira, contando unicamente com os seus esforços, quando era ainda menina de treze anos, e quando se chamava Leila Koerber. Tem lutado sózinha nas batalhas da vida, protegendo-se a si própria e aos membros da sua família. Contudo gosta de ser amimada e de receber ordens. A sua criada, uma preta velha por nome Mamie, que a acompanha quási há vinte anos, cuida de Marie como se ela fôsse uma menina.

Marie jámais frequentou uma escola, excepto por breves intervalos, no meio da existência errante que levou, viajando com seu pai, que era professor de música, através das cidades do Canadá. Eles nunca ficaram o tempo suficiente numa cidade para estabelecer um lar. Entretanto, Marie é uma das mulheres mais instruídas e cultas que se pode encontrar.

«Quando me separei de minha mãe, os seus últimos conselhos foram que não deixasse de ler diariamente os jornais. Minha mãe preocupava-se muito com a minha falta de educação. Por essa razão, os jornais têm sido os meus livros de estudo e neles aprendi mais do que muita gente aprende num curso escolar completo».

Marie tem vivido em tôdas as esferas teatrais, de circos, de primeira classe em Broadway, e de cada uma destas, ela sempre tem tirado novos conhecimentos e experiências do mundo. Uma coisa estranha é que esta mulher, que começou como corista e que nunca frequentou escolas, foi a única pessoa que estava ao corrente da etiqueta da côrte quando chegou recentemente um casal real em visita aos estúdios de Hollywood. Foi a única que se mostrou



Marie Dressler

completamente segura de si, sabendo exactamente o que devia fazer no momento preciso.

Esta mulher admirável pode caracterizar a mulher embriagada, de baixa classe ou um tipo cómico até ao ridículo e sair logo do cenário com todo o ar e distinção de uma grande dama.

A energia e a vitalidade de Marie não têm limite. A monotona rotina da sua vida diária desanimaria qualquer outra mulher. Mas, com a sabedoria dos anos, ela detem-se às vezes para tomar fôlego na tranqüilidade da sua casa, sem ver ninguém, lendo e descansando, até recuperar novas energias.

«Conversar com Marie dá-me sempre inspiração e entusiasmo para empreender novas coisas», disse Ramon Novarro em certa ocasião. Todos aqueles que se acercam desta grande artista parecem ficar afectados pelo seu magnetismo pessoal.

Quando Marie entra num salão, converte-se imediatamente no centro de atenção. Não é precisamente pelo que diz ou pelo que faz. E' alguma coisa como uma corrente eléctrica que parece arrastar todos para o seu lado.

Há muito já passou dos quarenta e não possui mais aquela regularidade de feições que se pode chamar beleza; mas quando se está ao seu lado, a juventude e a beleza parecem insignificantes.

Recentemente um jóvem actor muito conhecido na téla, gloriava-se de que lhe tinham dado um papel num dos filmes de Marie Dressler. Não era um papel muito importante, e êle já tinha interpretado papeis muito mais importantes, mas sentiu-se muito satisfeito em trabalhar ao lado desta querida artista.

«Prefiro trabalhar com Marie Dressler a trabalhar com qualquer outro artista», explicou o jóvem. «Aprende-se muito mais com ela em poucas semanas do que em anos com qualquer outro. E sempre se pode estar certo de que Marie fará tudo quanto esteja ao seu alcance para que as cênas dos outros artistas saiam bôas e brilhantes.

Há uma só Marie Dressler. Nunca houve e nunca haverá uma outra mulher como ela».

BUSTER KEATON

(CONCLUSÃO)

«Em frente, Marche» e depois em «Pamplinas em Pijama».

E' este o próximo filme de Buster que vai ser exibido entre nós no Cinema Aguia de Douro. Sabemos de antemão de que neste filme Buster Keaton atingiu o apogeu da sua personalidade no sonoro... e o seu talento revela-se como outrora — senhor da conquista — alevantado e inconfundível.

Por curiosidade informo os leitores que grande parte da acção deste filme se desenrola na própria casa de Pamplinas, em Hollywood, actuando nele extremamente à vontade, como é natural, pois estava em sua própria casa.

Mas para chegar até aqui quantas lutas, quantas sensorias, quantos tormentos!... De tal maneira, que ainda não há muito tempo Buster dizia a um amigo, que o revelou à publicidade, de que tencionava mudar de processos, sobretudo de máscara, criar um «tipo» novo, nos seus próximos filmes. Mas o seu último filme «Pamplinas de Pijama» veio convencê-lo e destituiu-o de tal ideia, pois reconheceu, em boa hora, que o público o queria como até aqui... o Pamplinas impassível, o homem que não ri, de expressão fria, semi-gelada...

Não é desoportuno referirmo-nos aqui a algumas particularidades e pequenos episódios da vida deste artista, colhidos a êsmo, que bem caracterizou a sua personalidade inconfundível.

A sua expressão uniforme — quer esteja mascarado de «clown», quer em casa, tirando uma fotografia, quer no «estúdio» ou durante as suas horas de descanso, não é um enigma, ou uma cisma, como muitos julgam. E' um temperamento nato! Recopiemos um pouco da sua vida e vejamos:

Buster, logo que começou a dar os primeiros passos, na meninice, foi levado para o palco. O pai Keaton, chefe de uma troupe de dansarinos acrobáticos — *Os Três Keatons* — cuja fama revoava por todos os Estados Unidos, entendera que seu filho não podia perder tempo com estudos profissionais e pô-lo então a trabalhar no palco, com grande prazer do público, que o acolheu com carinho. As piruetas ingénuas, cativavam uma extraordinária simpatia, manifestada em fartos aplausos.

Um dia, num número em que o pequeno Buster era atirado dos braços dos bailarinos para os braços

do pai, este, por acaso, deixou-o cair, desastrosamente. O pequeno Buster não chorou. A sua expressão ficou apática, fria, como se nada tivesse acontecido, não porque não se magoasse, mas porque teve medo que seu pai lhe batesse. Mas o público breve reconheceu o esforço do pequeno Buster, pois viu o quanto foi desastrosa a queda e esse esforço disfarçado com a impassibilidade da sua expressão, arrancou desse público os mais estrondosos aplausos. Na noite seguinte, no mesmo número, o Pai Keaton, deixa-o novamente cair, de propósito, depois de lhe ter recomendado que fizesse a mesma cara da véspera. Saiu-se tão bem nesta segunda exibição que o número era repetido todos os dias com grande sucesso.

...E assim os primeiros triunfos de Pamplinas fôram devidos à sua expressão que não ri, que não chora, que é fria, semi-gelada... que o tornou célebre pela vida além.

Quando uma noite a família Keaton representava em Okland, no Teatro Pantages, um cavalheiro alentado, bem nutrido, que se encontrava entre a assistência procurou Buster no seu camarim e contratou-o para actuar uma pequena passagem dum filme. Este cavalheiro era o célebre Fati — de saudosa memória — e o filme chamou-se «A Caixa do Carniceiro». O seu trabalho era somente o de se deixar cair duma bicicleta em andamento, o que êle fazia com a maior das facilidades. Depois de ter sido filmado este episódio Buster nunca mais pensou no filme em que acidentalmente actuára... Mas Fati é que ficou entusiasmado, com a sua máscara impassível, que em passagens devidamente aproveitadas se tornariam dum cómico irresistível e novamente o contratou para outros filmes. Buster foi progredindo na sua nova carreira, dando-nos maravilhas de filmes cómicos.

De simples actor passou a director-actor, onde o seu talento se evidenciou extraordinariamente, revelando-nos interpretações superiores: — era o seu talento livre, sem sujeições, as facécias ao sabor do seu temperamento natural... e sempre com a mesma expressão, que não ri, que não chora, que é fria, semi-gelada...

T O M A Z D E A L E N C A R .

BONUS

Oferecido aos leitores da INVICTA CINE pelas Ex.^{mas} Empresas dos Cinemas:

AGUIA D'OURO

50 % de desconto em todos os lugares na matinée do dia 16 de Abril de 1932.

O L Y M P I A

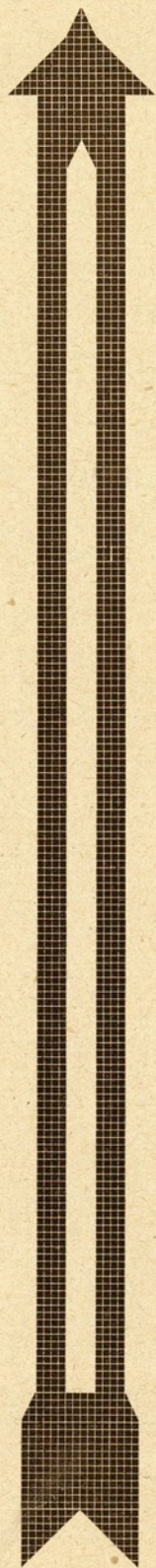
50 % de desconto em todos os lugares nas matinées dos dias 14 de Abril ou 16 de Abril de 1932.

O D E O N

50 % de desconto nos lugares de Fauteuilles e Balcão no dia 16 de Abril de 1932.

As crianças que por ventura forem acompanhadas do portador deste BONUS, não têm direito a entrada gratuita.

AGUIA D'OURO



apresenta na próxima
segunda feira a engra-
çadíssima cine-comé-
dia com o famoso
e engraçado actor

BUSTER KEATON

PAMPLINAS

DE PIJAMA

A história dum tímido que
passa por D. Juan. Um filme
repleto de situações hila-
rantes. O maior êxito de
gargalhada da actual época.

Realização de EDWARD SEDGWICH

PROGRAMA

Metro-Goldwyn-Mayer

CASTELO LOPES, L.^{DA}

A firma detentora dos melhores
filmes europeus e americanos

Apresenta na próxima terça-feira no

==== TRINDADE ====

A encantadora super-produção
falada e cantada em francês

A Amoroza Aventura

dirigida por Wilhelm Thiele, o conhecido realizador
de "O Senhor Director," e "O Caminho do Paraíso,"
e interpretada pelos consagrados artistas

||| MARIE GLORY |||

— E —

||| ALBERT PRÉJEAN |||

Uma graciosa cine-comédia que agrada
■■■■■■ em absoluto aos mais exigentes ■■■■■■